

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ - CCCO
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

PEDRO HENRIQUE BARROS DA SILVA

DA MINA PRA MATA: tambores, festa e encantaria em Codó - MA.

CODÓ/MA

2024

PEDRO HENRIQUE BARROS DA SILVA

DA MINA PRA MATA: tambores, festa e encantaria em Codó - MA.

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas como parte integrante dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciado em Ciências Humanas com Habilitação em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Codó.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso.

CODÓ/MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Pedro Henrique Barros da.

DA MINA PRA MATA: tambores, festa e encantaria em Codó-
MA / Pedro Henrique Barros da Silva. - 2024.
55 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio
Cardoso.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2024.

1. Tambor. 2. Correntes. 3. Terecô. 4. Mina. 5.
Codó. I. Cardoso, Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio. II.
Título.

DA MINA PRA MATA: tambores, festa e encantaria em Codó - MA.

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas como parte integrante dos requisitos para obtenção do Grau de Licenciado em Ciências Humanas com Habilitação em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Codó.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso
Universidade Federal do Maranhão
(Presidente)

Prof. Dra. Jascira da Silva Lima
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. José Carlos Aragão Silva
Universidade Federal do Maranhão

CODÓ-MA

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela minha saúde e em seguida quero agradecer todas as ancestralidades que me deram permissão para que eu pudesse adentrar e fazer parte de diversos lugares sagrados. Uma pesquisa que foi muito produtiva não somente para minha vida acadêmica, mas também para minha vida pessoal, isso tudo não seria possível se eu não tivesse ótimos professores na UFMA Campus Codó que foram essenciais na minha vida desde que ingressei na universidade, me fazendo entender melhor o que é uma pesquisa, o que é ter senso crítico, me ensinando a maior parte do que eu sei hoje. Me tornando uma pessoa melhor, um filho melhor e um amigo melhor.

Também quero agradecer em especial os amigos que conquistei durante essa longa jornada da pesquisa de campo, amigos como o Junior, o Carlos, José, Rejane, Mauricio, todos eles foram imprescindíveis para que a pesquisa pudesse se desenvolver, acompanhamos e viramos várias noites juntos em festejos aos quais conheci vários praticantes da religião através desses amigos, me aproximando muito mais do meu campo de pesquisa e entendendo melhor as dinâmicas de cada casa.

Agradeço também aos meus amigos que a universidade me deu, amigos que foram importantíssimos durante toda essa jornada acadêmica, como Railson, Aialesson, Rayane, Gisele, Samuel, Gildean, Alan, pessoas que sem dúvidas contribuíram muito para o meu desempenho acadêmico, muitos trabalhos juntos, muitas vitórias juntos, algumas derrotas que serviram como aprendizado, mas sempre todos empenhados a fazerem com que o outro não desista, apesar de todas as dificuldades pessoais apresentadas durante todos esses anos.

Agradecer em especial a minha família que apesar de não conversamos com muita frequência, sempre estiveram ali, meu pai muito fechado, mas sempre perguntando se hoje eu ia estudar, minha mãe todo dia perguntando se hoje teria aula e por fim minha sobrinha Isabella, que depois do seu nascimento me deu muita força para que eu pudesse lutar pelos meus objetivos visando dar uma qualidade de vida melhor para ela. Uma pessoa também muito importante nesse processo foi a Katiusse que me deu muito apoio principalmente quando eu pensei que não daria conta, porque

durante a pesquisa passei por diversas dificuldades pessoais, perdi parentes e amigos muito próximos e viver com o luto foi difícil, mas desistir nunca foi uma opção.

Finalizo esses agradecimentos agradecendo em especial meu orientador Prof. Dr. Alexandre que foi uma pessoa que não tenho palavras para descrever sua orientação, se tornou um grande amigo, conselheiro, muito paciente com minhas dificuldades, sempre disponível para me ajudar seja qualquer dia e qualquer hora, acompanhando de fato até nas pesquisas de campo as quais algumas vezes amanhecemos juntos em terreiros na cidade de Codó, tornando a orientação mais leve, muito humana e sem dúvidas muito enriquecedora tanto para mim quanto para ele.

Muito obrigado a todos!

*A minha religião? Sou de Deus, de Ogum,
de Oxalá, de Maria, de Iemanjá, sou da
terra, sou do céu, sou do mar... sou de
tudo que o amor me levar!*

Mell Glitter

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a transição do toque do tambor de Mina para o tambor da Mata, dentro do Terecô, observando alguns de seus significados através de experiências vivenciadas na Casa de Oxum com Obaluaê, situada na cidade de Codó - MA. Sabe-se que os tambores são instrumentos sagrados marcantes na cadência de cantares de religiões de matriz afro-indígena, com enorme diversidade de sons, ritmos e significados culturais. Considerando o gigantismo do tema, a pesquisa se ateve especificamente aos diferentes repertórios na Mina e no Terecô, atentando mais detidamente ao câmbio da sonoridade e à “descida/subida” de diferentes correntes de entidades (encantados) de acordo com a mudança dos toques. A metodologia da monografia cruzou a leitura de referências da bibliografia especializada sobre o Terecô, com destaque para as pesquisas de Martina Ahrlet (2013) e Mundicarmo Ferretti (2000), com o trabalho de campo na Casa de Oxum com Obaluaê. Foram coletadas entrevistas presencialmente, dentro do escopo do trabalho de observação participante, conforme orientações de Minayo (2013). A escrita da monografia foi organizada em tom narrativo, como relato das experiências de campo em primeira pessoa, num esforço de referenciar o Terecô sob o olhar de um pesquisador codoense, de alguém que tem na família vivências da religiosidade afro-indígena, de alguém que no curso de elaboração desta monografia repensou sua própria pertença, identidade e religiosidade.

Palavras-chave: Tambor; Correntes; Terecô; Mina; Codó;

Resumen

La presente investigación tiene como objetivo investigar la transición del toque del tambor Mina al tambor Mata, en el Terecô, observando algunos de sus significados a través de experiencias vividas en la Casa de Oxum con Obaluaê, ubicada en la ciudad de Codó - MA. Se sabe que los tambores son instrumentos sagrados que se destacan en la cadencia de los cantos de las religiones afroindígenas, con una enorme diversidad de sonidos, ritmos y significados culturales. Considerando el gigantismo del tema, la investigación se centró específicamente en los diferentes repertorios de Mina y Terecô, prestando mayor atención al cambio de sonido y al “descenso/ascenso” de diferentes corrientes de entidades (encantadas) según el cambio de tonos. La metodología de la monografía cruzó la lectura de referencias de la bibliografía especializada sobre terecô, con énfasis en las investigaciones de Martina Ahrlet (2013) y Mundicarmo Ferretti (2000), con el trabajo de campo en la Casa de Oxum con Obaluaê. Las entrevistas se recogieron de forma presencial, en el ámbito del trabajo de observación participante, según lineamientos de Minayo (2013). La redacción de la monografía se organizó en un tono narrativo, como relato en primera persona de experiencias de campo, en un esfuerzo por referenciar a Terecô desde la perspectiva de un investigador codoense, de alguien que tiene experiencias de religiosidad afroindígena en su familia, de alguien que, en el transcurso de la elaboración de esta monografía, replanteó su propia pertenencia, identidad y religiosidad..

Palabras clave: Tambor; Cadenas; Tereco; Mina; Codó.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Despertar da Encantaria	16
Abertura do Festejo dos 20 anos da casa de Oxum com Obaluaê	32
Último toque do Festejo.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS.....	53

INTRODUÇÃO

A escrita dessa monografia se dá de forma narrativa em primeira pessoa a partir da minha convivência com praticantes de religiosidades afro-indígenas e seus encantados em Codó, Maranhão. Minha trajetória de escrita deste trabalho iniciou a partir do momento em que eu decidi escolher uma área de pesquisa para desenvolver meu trabalho de conclusão de curso. Minha família paterna por longos anos, desde nossos ancestrais, vem desenvolvendo um grande trabalho na Umbanda e Terecô em Codó, mas desde criança pelo fato de minha mãe ser evangélica eu e meus irmãos sempre fomos restringidos a não frequentarmos o terreiro da minha avó paterna, pois fomos induzidos a acreditar que essas religiosidades eram coisas “ruins”, fazendo com que vivêssemos uma relação distante da minha família paterna.

Quando cheguei na UFMA - campus Codó, na graduação em Ciências Humanas/História, conheci de certa forma um senso crítico, comecei a entender que todos têm direito de refletir melhor sobre qualquer assunto, não acatando tudo que é imposto pela “maioria” da sociedade, inclusive no caso da religião. Na minha infância, por ser negro e pobre morando em um bairro considerado elitista, sofri muito preconceito por parte das famílias brancas. Vivenciando e sendo educado observando esses preconceitos sempre almejei furar o bloqueio, de modo a pensar a construção daquilo que era considerado danoso por muitos, atentando criticamente às concepções racistas, vide o caso do próprio Terecô dentro da minha família. E assim, despertei a curiosidade de entender melhor o porquê de algumas pessoas denominarem praticantes do Terecô como pessoas “ruins”.

Toda a trama da pesquisa e dos afetos para elaborar o presente TCC teve base em Codó, cidade localizada no leste maranhense. Fundada em 1896¹, Codó é bastante conhecida pelo seu legado cultural e religioso, sendo um dos principais centros de práticas espirituais afro-indígenas no Brasil, particularmente do Terecô. Codó ganhou grande fama ao ser considerada a “capital da magia negra no Brasil”², apesar dessa fama ser passada de forma equivocada e preconceituosa pela mídia

¹ Apesar de Codó ser uma cidade considerada fundada em 1896 a sua povoação é bem mais antiga, já que Codó foi instituída como Vila em 1833, já existente como uma área com grande concentração de fazendas escravistas e quilombos. (Ferretti, 2000, p. 89)

² A partir de 1994 a religião afro de Codó vem se transformando em centro de atenções, graças a uma reportagem sensacionalista da TV Bandeirantes na qual a cidade foi apresentada como “capital da magia negra”, que motivou o protesto de várias entidades negras maranhenses, publicado no jornal *O imparcial* de 17 de setembro de 1994 como título: “A imagem distorcida” (Ferretti, 2000, p.16)

brasileira, Codó é considerado o berço do Terecô graças a forte presença de herança religiosa de matrizes africanas e indígenas, que desempenham um papel muito importante não só na vida cultural, mas também na vida comunitária dos praticantes. Isso tudo, apesar de viverem constantemente sendo alvos de preconceito. Martina Ahrlet (2013) cita que:

Se entende que os primeiros pais e mães de santos da cidade contribuíram para que Codó se tornasse conhecida como um lugar de “força”, ou seja, de energias surgidas da relação com as entidades. Seus poderes e sua fama, por sua vez, teriam se disseminado a partir do atendimento a “clientes” de outras partes do país, especialmente a políticos com visibilidade no cenário nacional. (Ahrlet, 2013, p.18).

Codó é uma cidade muito reconhecida como lugar de “força” pelo fato de seus Pais e Mães de Santo desenvolverem um grande trabalho no que diz respeito às demandas dos seus clientes, mostrando muita sabedoria e poder nas suas relações com as entidades. Pois não só hoje, mas antigamente muitas pessoas eram obrigadas a se deslocarem de outras regiões para conseguirem concluir o objetivo das suas demandas em solo codoense. Deixando claro o quanto Codó é conhecida como uma cidade sagrada.

Conhecido também como Tambor da Mata, Encantaria de Barba Soeira e Brinquedo de Santa Bárbara, o Terecô codoense tem base permeada pelo sincretismo, com cruzamentos com diferentes formas religiosas de matriz afro-indígena, como, por exemplo, o Tambor de Mina, Umbanda, Pajelança, Catimbó, Candomblé, assim como do Espiritismo e até mesmo o Catolicismo popular. Apesar do Terecô não ter uma conceituação estrita e definida, pois dentro da religião Terecô “é mistério”, Martina Ahrlet conceitua Terecô como: “uma religião de possessão, onde são incorporados, especialmente (porém não exclusivamente) encantados da Mata- ou seja, entidades residentes, em tempos idos, nas matas da região”. (Ahrlet, 2013, p.19).

Durante algum tempo acreditamos que a palavra Terecô poderia ter se originado da imitação do som dos tambores da Mata (“terêcô, terêcô, terêcô”), em virtude de não havermos encontrado nem em Codó e nem em São Luís uma definição etimológica para ela. Mais recentemente, a antropóloga e linguista baiana Yeda Pessoa de Castro, comentando em conversa um dos nossos trabalhos, esclareceu

que a palavra seria de origem banto e teria o mesmo significado que Candomblé – louvar, celebra pelos tambores (Ferretti, 2003, p.3)

Sabe-se que parte da composição do Terecô de Codó tem sua origem na herança cultural dos povos africanos, especialmente das etnias *Jeje* e *Nagô*, que chegaram ao Brasil durante o período do tráfico de escravizados, especificamente no Maranhão, principalmente nos séculos XVIII e XIX. Tal chegada propiciou encontros/desencontros com as diversas populações originárias, indígenas que também cultuavam seus ancestrais e tinham sua religiosidade, e que passaram a conviver com os povos africanos sequestrados e escravizados sobretudo nos mundos do trabalho. Portanto, desafios de alteridade e redes de contato entre populações africanas e indígenas historicamente fizeram parte da estruturação da sociedade dos sertões maranhenses, constituindo um cadinho cultural formador do Terecô.

Nesse sentido, Mundicarmo Ferretti (2000) explica que:

Tudo indica que muito do que hoje é conhecido como Tambor de Mina ou como Mata Pura/ Terecô (religião afro-brasileira) começou com o que era denominado de “pajelança” em meados do século passado pelas camadas dominantes, tanto em São Luís como em outros municípios maranhenses. Não sabemos se a “pajelança de negros” recebeu aquela denominação por ter sido camuflada na indígena ou por ter sido originado ou inspirado em modelos indígenas, mas sabemos que a “pajelança” praticada no passado por negros foi considerada uma “nova religião”. (Ferretti, 2000, p.15).

De acordo com Santos (2014) em seu artigo “Pajelança: religião e sociedade no século XIX e XX”, a pajelança pode ser lida como:

[...] uma manifestação religiosa voltada para o tratamento de doenças físicas e espirituais, que engloba elementos do catolicismo popular, tambor de mina e das culturas indígenas. Característico da região entre o Maranhão e o Pará, sua origem é atribuída aos rituais xamânicos tupi, registrados pelos cronistas Claude D’Abeville e Yves D’Evreux no início do século XVII, mas na segunda metade do século XIX os registros históricos indicam que a difusão da pajelança deu-se por meio da população escrava em um processo complexo de sincretismo. (Santos, 2014, p.1).

O Terecô acaba desempenhando um papel importantíssimo na vida das comunidades onde ele é praticado, ao que tudo indica herdando muitas das características da pajelança. Oferecendo não apenas uma estrutura espiritual, mas consequentemente um espaço de socialização dos praticantes, de curas, conectadas

ao fortalecimento comunitário nos terreiros. Por isso são tão importantes trabalhos acadêmicos que possam repassar conhecimentos para que as pessoas possam entender que Terecô tem fundamento, que Terecô não é feito de qualquer forma, que as pessoas entendam a importância do Tambor, a importância dos abatazeiros, dos Pais de Santos, dos Filhos de Santo e toda dinâmica que é envolvida em um festejo desses praticantes da religião.

Essa breve introdução objetiva mostrar um pouco da minha relação com o tema pesquisado e os caminhos da reflexão em diálogo com a bibliografia especializada, pois eu fui uma das pessoas que por falta de conhecimento fui induzido a me distanciar dos que praticam a religião, mas graças ao estudo hoje eu tenho uma visão totalmente diferente do que eu pensava.

Importante destacar que minha pesquisa se deu primeiramente por meio de leituras das principais referências sobre o tema, como as pesquisas de Mundicarmo Ferretti (2000), Martina Ahrlert (2013), Ilka Pereira (2016), Francisco de Assis (2022), Ezequias Cruz (2022), entre outros. Referências lidas e analisadas para que depois eu pudesse desenvolver um trabalho de campo de qualidade. Minha pesquisa de campo se deu através da observação participante, que foi importantíssima para que eu pudesse me aprofundar no tema e me aproximar das principais questões enfrentadas neste trabalho.

Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente. (Minayo, 2013, p.70).

Essa pesquisa, portanto, se deu primeiramente com fontes bibliográficas e em seguida com fontes orais, estruturadas a partir da interlocução com vários praticantes da religião, me permitindo acompanhar de uma forma bem próxima algumas das dinâmicas sociais no terreiro estudado.

O trabalho delineado a partir da pesquisa e do conjunto das leituras foi dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado **Despertar da Encantaria**, começo com uma discussão sobre a transição do toque do Tambor de Mina para o Tambor da Mata por

meio de experiência/interlocução que eu tive com um abatazeiro no salão da Casa de ³Oxum com Obaluaê, destacando todo processo para se tocar o tambor, a importância dos abatazeiros e toda a dinâmica da preparação do terreiro para o grande festejo da casa. Início com a discussão sobre a virada do toque da Mina para a Mata, justamente por considerar a mudança de toque algo central para entender a dinâmica do ritual religioso, que tem na mudança de cadência vários segredos, relacionados à mudança das correntes das entidades que vêm em terra, da Mina para o Terecô.

No segundo capítulo, intitulado **Abertura do Festejo dos 20 anos da casa de Oxum com Obaluaê**, descrevo parte do cenário da Encantaria e da Umbanda na casa de uma Mãe de Santo em Codó, dona Jesus de Marambaia, fazendo isso através de uma observação participante no grande festejo da casa de Oxum com Obaluaê, descrevendo as obrigações do festejo, a importância do Pai de Santo pequeno na condução das correntes, apresentando a convivência dos praticantes no festejo e falando da relação dos Filhos de Santo com suas entidades. No terceiro capítulo, intitulado **Último toque do festejo**, eu busco demonstrar a importância do trabalho do Pai de Santo pequeno da casa, descrevendo o quanto sua figura de líder é importante para os Filhos de Santo, apresento o cansaço físico e espiritual dos Filhos de Santo durante o festejo, como funciona o revezamento das danças e como os praticantes são vistos alegrando as ruas durante a passeata que encerra o festejo.

Por fim, é importante dizer que não buscamos conceituar em termos estritos o Terecô e a Mina. Nesta monografia pensamos ambas as manifestações em diálogo com a bibliografia, mas sobretudo a partir de experiências práticas ligadas à observação participante, dentro do trabalho de campo, observando as redes de sociabilidade que lhes atribuem sentido em Codó. Assim, evitamos reducionismos numa matéria sagrada, sem deixar de contribuir nos esforços de entendimento do repertório de seus significados no tempo.

³ É importante destacar que neste caso específico esse nome Oxum com Obaluaê faz parte de um cruzamento através do Sincretismo do Terecô com o Candomblé, pois Oxum é um orixá do Terecô e o Obaluaê é um orixá do Candomblé.

CAPÍTULO 1

Despertar da Encantaria

Na tarde de uma quinta-feira santa, no dia 28 de março de 2024, combinei de encontrar um amigo abatazeiro chamado Marcos, conhecido popularmente como Marquinhos, um abatazeiro bem conhecido nos salões de Terecô em Codó e em povoados da zona rural do município. Esse encontro se deu pelo fato de que eu queria observar de perto a transição do toque do Tambor de Mina para o Tambor da Mata. Sabe-se que o tambor de Mina é bastante tocado em São Luís e em várias outras partes do Maranhão, conhecido pelo transe dos praticantes com o sagrado em cadências mais lentas e ritmadas, as vezes acompanhadas por instrumentos de sopro, como o pífano. Já o Terecô, mais forte e tradicional em Codó, apresenta cadência mais rápida, (visto que o tambor no Terecô tem a marcação forte da cabaça) que chama encantados de diversas famílias da mata codoense, como a família de Légua. Semelhante ao Tambor de Mina as entidades espirituais do Terecô são organizadas em famílias, sendo considerada a maior e a mais importante a da entidade espiritual Légua Bogi Buá da Trindade, conhecido em Codó como “príncipe guerreiro” ou preto velho angolano e, em São Luís, como filho adotivo de Dom Pedro Angassu ou como caboclo “da Mata”.

É importante ressaltar que as matas foram muito importantes na construção e na resistência da religiosidade afro-indígena, pois foi no refúgio das matas de babaçu, carnaúbas, buritis, à sombra das grandes palmeiras dos cocais, que a encantaria ganhou seus sentidos, se disseminou entre comunidades de trabalhadores de origens africanas e indígenas – explorados e perseguidos desde os tempos da escravidão. Não por acaso, Codó é o chão para onde convergem todas as correntes, poderosas correntes das matas. Assim, dizem os nossos interlocutores, o município é enxergado dentro e fora do Maranhão como território de muita força, justamente pela histórica e densa presença de populações afro-indígenas, que resistiram à opressão com seus vários sortilégios, conformando parte fundamental do tecido social que estrutura a demografia e a religiosidade local até hoje.

Assim, conforme Cruz (2022) cita:

A mata era o centro de encantaria, um lugar que também era utilizado pelos Pais e Mães de Santos para a projeção de seus rituais religiosos.

Contudo, com o crescimento da cidade, vários zeladores, Pais e Mães de Santo passaram a habitar e também a fazer seus trabalhos no perímetro urbano, possibilitando o contato com referências religiosas que advieram de outras partes do Brasil, que cruzaram os caminhos sincréticos das manifestações religiosas contemporâneas de matriz africana locais. (Cruz, 2022, p.14).

A chegada desses praticantes nos perímetros urbanos não aconteceu de forma fácil, visto que vale ressaltar que a grande maioria dos Pais e Mães de Santos não possuíam grandes recursos financeiros, por isso a maioria dos terreiros codoenses foram construídos em bairros considerados periféricos, com exceção da “Tenda Espírita de Umbanda Rainha de Iemanjá” do falecido mestre Bitá do Barão que agora foi herdada pela sua filha, Mãe de santo Baronesa Janaina do Bitá, essa exclusivamente localizada no centro da cidade⁴. Ficando perceptível a dificuldade da construção desses terreiros que em sua maioria foram construídos através de doações de terrenos e de muito trabalho dos Pais/Mães de Santo em conjunto com suas entidades e filhos das casas.

Como o tambor do abatazeiro Marquinhos não estava na cidade, e sim em um interior que ele frequenta desde sua infância chamado São Benedito dos Colocados, decidi entrar em contato com um amigo Pai pequeno de um terreiro, que se chama Maurício de Obaluaê⁵, um médium⁶ o qual vou falar de seu festejo durante minha pesquisa, o seu terreiro se chama **Casa de Oxum com Obaluaê**. Maurício apesar de ser jovem, com apenas 29 anos, é amplamente conhecido e conceituado na cidade de Codó e região, sendo também responsável pelo Boi Raízes do Maranhão que viaja para diversas cidades levando cultura e manifestando sua afro-religiosidade através de festejos aos quais é convidado. Maurício apesar de ter apenas sete anos de incorporação (primeira vez que incorporou uma entidade), começou a acompanhar Terecô muito jovem, pois com apenas três anos de idade ele já acompanhava a sua

⁴ É importante destacar que apesar de ser localizada no centro, atualmente o território é considerado periférico, pelo fato da localização da tenda ser próxima da “cracolândia” da cidade, área onde a população de rua e dependente química costuma se abrigar.

⁵ Obaluaê é uma entidade do Candomblé que Maurício incorpora, essa entidade de acordo com Guimarães (2017) é conhecida como o orixá da cura, das doenças e da morte. A relação de Maurício com essa entidade evidencia o sincretismo do Terecô com o Candomblé, já que Maurício recebe também “seu Boiadeiro” no Terecô.

⁶ No Terecô os médiuns são conhecidos dentro da religião como “cavalos” sendo responsáveis por intermediar através dos seus corpos a chegada das entidades espirituais do mundo sagrado para o mundo material. (Martina, 2019, p.03)

avó, dona Jesus de Marambaia⁷, uma grande Mãe de Santo em Codó, sendo ela feita por mestre Bita do Barão, tendo hoje 86 anos. Devido sua idade avançada, seu cansaço e problemas de saúde, ela passou todas as responsabilidades da sua casa a Maurício, seu neto e agora Pai pequeno da casa⁸. Tanto responsabilidades com os gastos e o bom funcionamento da casa, como também em relação a responsabilidades físicas e espirituais que para Maurício são os maiores gastos que ele assumiu, já que dentro do Terecô se precisa de muita força para assim conduzir suas obrigações.

Ao realizar algum trabalho, resíduos desta operação sempre permanecem com o pai ou a mãe de santo. Esses resíduos, tal como são definidos pelos sujeitos, são energias ou forças ruins relacionadas com situações-foco dos trabalhos – como experiências de conflito ou de doença, por exemplo. (Ahlert, 2016, p. 289).

Maurício, apesar de ter sua avó como uma grande Mãe de Santo, foi feito e iniciado em outra casa, chamada “Ylê Axé de Oxóssi e Oxum”⁹ pela Yalorixá Nilza de Odé, onde começou a frequentar e lá sentiu que seria seu lugar de inicialização, isso se deu muito pela grande relação que ele criou com mãe Ruth, a Mãe de Santo Pequena daquela casa, sendo essas duas muito importantes ainda hoje para Maurício, sempre prestando aconselhamento mesmo agora ele a frente da casa de sua avó, a Casa de Oxum com Obaluaê.

Apesar de todas essas responsabilidades, em dia de festejo, Maurício recebe uma ajuda importante na organização da casa, pois, ao lado do Pai pequeno está a guia da casa, que é vista como a terceira pessoa mais importante do terreiro, sendo ela uma das principais organizadoras dos eventos da casa. A guia da Casa de Oxum com Obaluaê mora em São Luís, ela se chama Mariinha de Antônio José Légua, uma pessoa vista com muita sabedoria e muita importância para todos os Filhos de Santo da casa.

⁷ Marambaia é uma entidade espiritual cultuada na Umbanda. Ela é mais conhecida como pombagira, um espírito feminino que trabalha na linha da esquerda. (Camargo, 2019, p.201).

⁸ O Pai pequeno de um terreiro é uma figura importantíssima tanto na hierarquia espiritual quanto na parte administrativa da casa, pois ele é considerado o principal assistente do Pai-Mãe de Santo, sendo o seu braço direito em várias questões, inclusive ele é responsável por substituir o mesmo em sua ausência. (Jorge, 2013, p.10)

⁹ Ylê Axê (ou Ilê Axé) é uma expressão de origem yorubá que significa "casa de força". No caso um espaço físico e espiritual onde ocorrem os cultos e rituais de religiões do Candomblé e a Umbanda. (Faislon, 2020.p,20).

Quando prontamente Maurício de Obaluaê disponibilizou seu terreiro, marquei o encontro com o abatazeiro às 16 horas do dia 28 de março de 2024, logo depois, avisei o professor Alexandre, que se disponibilizou a acompanhar também essa transição do toque. Quando cheguei lá, Maurício estava com os Filhos de Santo da casa desenvolvendo um grande trabalho de ornamentação, conforme o encantado da casa havia pedido, pois é o encantado que escolhe o estilo da ornamentação da festa.

Nesse ano predominavam cores verdes por todo o salão, muitas plantas, tecidos cobrindo toda a parte interna do forro do salão, pinturas representativas de entidades nas paredes e símbolos decorativos feitos à mão. Na ocasião, os Filhos de Santos da casa estavam trabalhando na limpeza do salão e no corte dos matos do quintal que crescem muito rápido em época de chuva. Através desse trabalho, naquele instante, pude observar o quanto todas as pessoas que estavam ali, apesar de trabalharem de forma comunitária, estavam alegres e trabalhando de forma divertida, todas em prol de uma só causa, o bom funcionamento da religião e o preparo do festejo. Mostrando que apesar de sofrerem tanto preconceito e perseguição, conseguem mostrar que existe fundamento, organização, seriedade, união e companheirismo, numa perspectiva comunitária e solidária.

Esse preconceito com o Terecô em Codó já é perceptível na entrada da Cidade, pois a placa do portal da cidade foi alterada e adicionada o termo “Cidade de Deus” com o objetivo de amenizar os comentários relacionados a Codó como a “Capital da Magia Negra” ou “Terra da Macumba”. Como afirma Cruz:

Ao adentrar na cidade logo se percebe a frase com marcas que caracterizam o preconceito religioso no portal da entrada da cidade. Marca essa, que aponta o preconceito diante do reconhecimento da cidade ter seu mérito no sentido de condecoração, mundialmente como “terra do terecô/macumba”. Dessa forma, pode-se afirmar que lideranças políticas, talvez com o propósito de apontar que a religiosidade de matriz africana não pertencente a Deus, se utilizam da política local para apontar/demarcar exclusivamente que “Deus” só existe entre a religião protestante e católica. (Cruz, 2022, p.19).

Figura 1 - Entrada da cidade de Codó-Ma. "cidade de Deus".



Fonte: Arquivo pessoal 15/08/2024.

A adição do nome “Cidade de Deus” foi imposta por um projeto parlamentar na Câmara Municipal de Codó por dois vereadores evangélicos, Pastor Max e o vereador Gracinaldo, deixando claro o quanto parcelas “cristãs” da população não escondem sua insatisfação com a fama da cidade de “Terra da Macumba” ou “Capital da magia negra”, como intitulada em diversos lugares.

Um ponto importante a ser destacado neste dia na Casa de Oxum com Obaluaê, é que todos os santos do terreiro estavam cobertos, já que nos encontrávamos em um período de Quaresma, e quando essa época chega, todos os santos são cobertos e as tendas cessam suas atividades, demonstrando muito respeito, visto que nessa época do ano algumas casas adotam sacrifícios, como passar esse período sem ingerir bebidas alcoólicas, sem poder fazer sexo e com restrições de comer carne, abrindo exceção somente para carne de frango. Geralmente, fazem uma última obrigação antes do início desse período, e em seguida, no Sábado de Aleluia retornam as atividades da casa com muita festa, dança e axé.

Voltando ao meu encontro com o abatazeiro, no dia 28 de março as 16 horas, com alguns minutos chega o professor Alexandre, nós conversamos um pouco e depois chega o abatazeiro, Marquinhos. Na chegada, nos cumprimenta de forma muito educada, sempre com sorriso no rosto, de certa forma temos uma afinidade por nos conhecermos já há algum tempo. Após os cumprimentos, foi procurar galhos para

acender o fogo pois quando se vai tocar o tambor nos festejos, é necessário esquentar o couro do tambor para que assim ele possa esticar e o abatazeiro consiga tocar da melhor forma possível, essa atitude mostrou o quanto ele leva a religião a sério, mesmo que seja apenas para apresentar uma demonstração da transição do toque do Tambor de Mina para o Tambor da Mata.

Figura 2 - Abatazeiro Marquinho esquentando o couro do tambor.



Fonte: Arquivo pessoal, 28\04\2024

Enquanto o fogo esquentava o couro do tambor, fiz algumas perguntas ao abatazeiro, através das suas respostas, pude entender um pouco mais da vivência dos abatazeiros na religião, minha primeira pergunta foi como funciona a inicialização dos abatazeiros na religião, ele prontamente me respondeu:

Geralmente já nascemos introduzidos na religião, tocar tambor é um dom que carregamos dos nossos ancestrais, nós em sua grande maioria vivemos a música desde que nascemos, quando crianças acompanhamos nossos familiares nos festejos e já vamos tendo contato com o tambor, com a idade avançando apenas vamos moldando nosso dom. (Guilhon, 2024).

Essas palavras do abatazeiro foram importantes para demonstrar para as pessoas preconceituosas e leigas que religiões de matrizes afro-indígenas tem fundamento, e que não é só chegar e tocar, a pessoa precisa ser escolhida para desenvolver determinada função na religião. Após o tambor esquentar, nos dirigimos

para dentro do salão do terreiro, onde geralmente acontece as giras, que são momentos de conexões espirituais aos quais os médiuns se reúnem com seus guias e suas entidades. O salão estava em reforma, mesmo assim não deixou de exalar beleza, com os variados tons de verde decorando o ambiente. Marquinhos entrou e colocou o tambor no lugar que geralmente fica reservado para os abatazeiros, (lugar esse no canto do salão, ao lado das cadeiras dos Pais de Santo da casa) diante disso, o Pai de Santo Maurício de Obaluaê se prontificou de imediato para cantar ao som do tambor, junto dele dois Filhos de Santo da casa se juntaram a nós para ajudar na transição do toque, acompanhados de instrumentos como a cabaça e o tarol.

O abatazeiro começou e o tambor despertou, o início do toque começou de forma lenta pois primeiro se iniciou com o toque do Tambor de Mina, mais lento e cadenciado. Maurício de Obaluaê começou a cantar, iniciando de forma tranquila, mas quando a música da Mina acaba e ele começa a cantar a da Mata, dizendo “Agora eu vou virar, agora eu vou virar, vou virar Mina pra Mata, mas agora eu vou virar”; ele só conseguiu repetir essa frase duas vezes, porque o toque do tambor começou a acelerar de forma dobrada¹⁰, e para nossa surpresa desceu um encantado na nossa presença, chamado de seu Boiadeiro. Logo ficou perceptível que na transição do toque de forma rápida o encantado de Maurício desceu e já não era mais o Maurício que estava nos fazendo companhia. A entidade continuou cantando, recebeu seu chapéu (pois geralmente quando um encantado desce, ele pede suas indumentárias de costume) e após cessar o tambor, o seu Boiadeiro ficou um pouco para conversar com os filhos da casa e avaliar a reforma que estava tendo no salão. Foi um grande prazer conversarmos, depois ele entrou em um quartinho dentro do salão bebeu cachaça pura, e nos convidou para o seu festejo do mês de maio, nos proporcionando uma experiência muito satisfatória, pois essa experiência deixou claro a importância do tambor e como os toques influenciam o sagrado em terra, tendo em vista a importância dos abatazeiros no Tambor de Mina e no Tambor da Mata.

Em relação a virada dessas correntes, da Mina para a Mata, Maurício me detalhou algumas informações importantes no que diz respeito a esses cruzamentos:

Esse aspecto é confuso, porque tipo eu sou Boiadeiro, eu sou Boiadeiro na Mata e sou Boiadeiro na Mina, não há uma mudança de corrente, porque tipo eu tô tocando terecô, eu tô na Mina e vou virar para a Mata, as entidades que ali estão elas vão continuar ali, a não ser que eu vá tocar para as

¹⁰ O toque dobrado é marcado pela sua velocidade intensa das batidas, tocando de forma mais rápida do que nos ritmos normais. Esse toque acelerado ajuda na incorporação das entidades.

princesas, no caso a corrente de Tambose, que é na Mina, uma coisa mais elevada, uma coisa mais elegante, aonde as princesas dançam moderadamente, pois são moças bem modernas, então é só na Mina. Ai quando eu vou virar para a Mata, as princesas sobem, aí eu canto “agora eu vou virar, agora eu vou virar, vou virar mina pra Mata mas agora eu vou virar”, daí a corrente vira, as princesas sobem, aí descem as correntes, podem descer caboclos, boiadeiros, léguas, que são as entidades que também correspondem a mata, pois são várias correntes que se manifestam em um toque. (Souza,2024)

Essa fala de Maurício é muito rica, visto que existem entidades que trabalham em determinada corrente e outras não, no caso o seu Boiadeiro consegue cruzar o Tambor de Mina para o Tambor da Mata, mas é importante destacar que não são todas entidades que fazem esse movimento. Entidades como as da corrente de Tamboses (as princesas) não dançam ao som do Tambor da Mata, elas são exclusivamente do Tambor de Mina, da mesma forma como a família de Léguas que é exclusivamente do Tambor da Mata não faz parte do Tambor de Mina. Assim mostrando o quanto esses cruzamentos têm uma base no som e nos seus segredos, e isso se expressa nas entidades que vem no salão.

De acordo com essa experiência da demonstração do toque através do abatazeiro Marquinhos, pude observar o quanto a mesma coincide com o artigo publicado por Saraiva (2017), chamado **“Ofício de abatazeiro: a experiência da rua e do terreiro”**. O autor fala da inicialização bem cedo dos abatazeiros na religião, já que em sua grande maioria fazem parte de famílias ou comunidades relacionadas às religiões de matriz africana, e geralmente vivem a música dos tambores desde crianças em várias ocasiões, como em festejos, velórios, casamentos e comemorações. Apesar de existirem poucos trabalhos acadêmicos relacionados aos abatazeiros, Saraiva conceitua o nome abatazeiro, que seria um *tocador de abatá*, no caso um instrumento produzido de couro de animal que é tocado com as duas mãos, inclusive esse nome também pode ser classificado como *huntó*¹¹, igual no Daomé¹², desse modo é de se destacar muito a importância dos abatazeiros para religião, que em sua grande maioria são negros que não tiveram acesso a formação musical dita tradicional ou acadêmica, e mesmo assim acabam desempenhando um papel

¹¹ Huntó é um termo de origem africana que diz respeito a uma pessoa que pratica a execução dos toques para invocar as entidades no salão. (Prandi, 1991, p.164)

¹² Daomé foi um reino africano que teve muita influência histórica e cultural no Brasil, ele é muito conhecido por seu envolvimento no comércio de escravizados, inclusive dos que trouxeram para o Brasil o culto aos voduns. (Leal, 2022, p.17)

importantíssimo na religião, para o seu bom funcionamento neste mundo e no sagrado.

O trabalho dos abatazeiros é visto socialmente como uma habilidade passada de geração a geração, apesar de existirem muitas crianças que gostam dos tambores, ultimamente vem baixando o número de abatazeiros disponíveis na cidade. Vivemos em uma nova geração, que em sua grande maioria não conserva os costumes passados de brincar e se divertir sem tecnologias modernas, assim dificultando o surgimento e o desenvolvimento de novos abatazeiros em Codó. Apesar disso, é importante destacarmos a importância do tambor como uma tecnologia ancestral que facilita a ligação entre o mundo físico e o espiritual, pois durante as giras é nítido o quanto o tambor influencia na vinda das entidades. O abatazeiro Marquinhos toca em quase todos os festejos no município, por vezes saindo de um para tocar em outro, pelo fato da escassez de abatazeiros prontos e já preparados para conduzir os sons dos festejos de Terecô na cidade, pois sabe-se que não é um trabalho fácil e exige muita responsabilidade, já que a maioria dos festejos quando o tambor começa a tocar não tem hora para parar.

O festejo da casa de Oxum com Obaluaê é o momento mais importante do ano para todos os praticantes da casa, os momentos vividos no festejo são muito mais que celebrações, eles conservam significados culturais, espirituais e comunitários. Celebrando seus orixás, seus santos, seus voduns, seus guias, encantados, exus e outras entidades. Assim, fortalecendo o terreiro, o salão, os laços dos praticantes com suas entidades, a amizade com as casas visitantes e a comunidade simpatizante com a festa.

Dois meses depois da demonstração da mudança de toque da Mina para Mata, retornei ao terreiro a convite de Maurício de Obaluaê e a convite do seu encantado seu Boiadeiro, dessa vez para o grande festejo de 20 anos da Casa. Festejo muito afamado não só dentro da cidade de Codó, mas em vários municípios vizinhos, já que muitas tendas de cidades vizinhas mostram interesse em vir para o festejo.

Alguns dias antes do festejo começar, em meio a troca de mensagens com Maurício, pude perceber a sua correria e a sua vontade para que o aniversário da casa fosse um sucesso, sempre que conversávamos ele estava resolvendo algo relacionado ao festejo, inclusive, um dia antes da festa decidi olhar pessoalmente o terreiro, observando o andamento e a preparação para esse grande dia que estava por vir. Chegando lá, eu pude observar de perto algumas pequenas reformas que

estavam sendo feitas e dialoguei com as pessoas que estavam trabalhando ali, todas de forma voluntária. Rafael, um amigo que conheço há alguns anos, e que é iniciado na casa (Filho de Santo da casa de Oxum com Obaluaê), estava à frente dos reparos nas reformas, quando perguntei para ele qual sua expectativa em relação a festa ele prontamente me respondeu, “Eu estou muito ansioso para festa, tanto quanto o Maurício, pois vai vim muita gente de fora e eu quero muito que quem venha, goste da nossa casa e ninguém saia falando mal daqui” (Viana, 2024). Isso mostra o quanto os praticantes se entregam para o bom funcionamento da religião e o quanto eles se empenham para receber bem as visitas, não zelando somente pelos seus nomes em particular, mas sim pelo nome da sua casa e de suas entidades.

Maurício estava sempre no terreiro, não só vistoriando as reformas e tendo ideias de ornamentação, mas levando sorriso e contagiando os outros através de sua sábia liderança. Maurício sabe que muitos dos seus antepassados infelizmente não tiveram o mesmo privilégio de preparar um festejo na cidade, logo como Martina Ahrlert (2010) destaca que, no passado o tambor tinha que ser tocado escondido.

As narrativas de pais e mães de santo contam que, antigamente, os rituais e as festas para os encantados eram realizados dentro da mata e no espaço das roças. Proibidos pelos senhores de escravos e posteriormente pela polícia, os rituais só podiam ser feitos às escondidas. Seu Bigobar, pai de santo do povoado de Santo Antônio dos Pretos, diz que os rituais eram realizados nas matas e que as pessoas que participavam tocavam tabocas e não tambores. Segundo ele, nem todos podiam participar destes rituais, de forma que só entrava na mata aqueles que os encantados queriam”. (Ahrlert, 2010, p.72).

Após alguns minutos de conversa com os rapazes que estavam na reforma, Maurício me convida e me cede a honra de entrar no salão, quando entrei, mesmo com algumas reformas ainda em andamento, já pude ver como já estava tão lindo aquele lugar sagrado, tudo de forma bem organizada, o assentamento, o lugar que os abatazeiros tocam, o tambor, os santos, de modo geral, o salão bem organizado. Diante disso, já pude perceber o porquê Maurício é tão respeitado não só dentro do seu terreiro, mas também mundo afora, pela sua dedicação e seriedade com a religião.

Figura 3 - Reformas no terreiro da casa de Oxum com Obaluaê.



Fonte: Arquivo pessoal, 16/05/2024.

Em seguida como já havia perguntado para o Rafael, perguntei para Maurício, você como Pai pequeno da casa, quais suas expectativas para o festejo? Ele respondeu:

Minhas expectativas são ótimas, pois só Deus e meus santos sabem o quanto estou batalhando a dias para que tudo dê certo e que todos saiam daqui de forma satisfeita, convidei algumas casas de Codó, mas vai vim muita gente de fora e espero que todos possam vim abrilhantar nossa festa, no último dia da festa vou trazer uma banda famosa no Terecô e na Umbanda para todo mundo curtir e se divertir. (Souza, 2024).

Diante dessa declaração de Maurício de Obaluaê, pude ter certeza o quanto ele estava comprometido para que essa festa fosse um sucesso, aliás, ele e seus Filhos de Santo estavam 20 dias sem comer carne, sem fazer sexo e sem ingerir bebidas alcoólicas, tudo isso para que pudessem se purificar, com o objetivo de receber bem as entidades durante o festejo. Pelo que pude observar, ficou muito explícito que Maurício apesar de ser o Pai pequeno da casa, corresponde a toda responsabilidade depositada nele, pois a guia da casa, chamada Mariinha de Antônio José Légua, que mora em São Luís, no período da preparação para o festejo estava doente, e desse modo, por questões médicas, ela não pôde vir para a festa de aniversário dos 20 anos da casa. Sendo assim, a responsabilidade de Maurício com o festejo ficou sem dúvidas ainda maior e mais desafiadora. Antes de ir embora fiz

mais uma pergunta para Maurício, lhe perguntei que horas de fato começaria as obrigações da casa, ele me respondeu:

Às 5 horas da manhã vai ter obrigação fechada somente para a casa, vai haver a salva de terreiro, vamos nos reunir e vamos aguardar as entidades que vem para salvar o terreiro, iremos receber essas forças espirituais para que elas possam abrir os caminhos para um bom desenvolvimento do nosso festejo. (Souza, 2024).

No dia seguinte, chega o grande dia do festejo em comemoração aos 20 anos da casa de Oxum com Obaluaê, sendo assim, acontece a primeira obrigação somente para os participantes da casa. Maurício me relata que a obrigação acabou por volta das 8 horas da manhã, e em seguida começou a correria para que tudo estivesse preparado para o início do festejo aberto ao público, finalizando reformas, compras de velas, últimos ajustes nas roupas para festa, procura de casas disponíveis para receber os convidados, já que geralmente alguns convidados ficam na casa de Maurício e outros são distribuídos entre as casas dos membros do terreiro e em casas de simpatizantes da religião, visto que hotéis tem alto custo e os convidados se sentem mais à vontade em casas familiares. Os Filhos de Santo de Maurício são instruídos a não sair da casa durante todo o festejo, com exceção de casos extremos como em situação de problemas de saúde ou uma saída em busca de algo em prol do próprio festejo.

A noite veio chegando e os Filhos de Santo foram revezando cochilos, para que a noite todos estivessem descansados, pois foi necessária muita energia física e espiritual para virar a noite cumprindo suas obrigações. Os Filhos de Santos receberam entidades muito fortes e alguns ficaram bem cansados quando seus encantados “desceram” e depois “subiram”. Uma vez que na presença dos seus encantados eles não ficam parados, sejam dançando Terecô, consultando alguém que tenha ido tirar alguma dúvida, tomando sua cachaça, ou bebendo cerveja, que eles costumam chamar de “espumosa”.

O dia foi passando e a noite foi chegando, no cronograma da casa não citava a ladainha que geralmente é só para os membros da casa e as pessoas mais próximas ao terreiro, marcada para dar início às 18 horas do dia 17 de maio de 2024. Como eu queria acompanhar o máximo que eu pudesse nesse festejo, nesse dia me arrumei cedo, apesar da chuva que estava muito forte na cidade, entrei em contato com o Junior, um amigo, ex-aluno da UFMA- CODÓ, que também pesquisa afro-

religiosidade, inclusive tem uma pesquisa muito qualificada a qual foi aprovada no mestrado, continuando seu trabalho de TCC, defendido na UFMA, que se chama **Terecô: Um ponto de ligação entre Codó e África**. Quando chegamos lá, estava apenas serenando, fomos bem recebidos pela avó de Maurício e alguns Filhos de Santo da casa, com poucos minutos a chuva começou a se intensificar, começando a chover mais forte. Durante a chuva conversamos com a avó de Maurício, que estava na companhia de um terecozeiro e estudioso bastante conhecido em Codó, chamado Cícero Centriny, que tem um livro sobre o Terecô chamado **“Terecô de Codó, uma religião a ser descoberta”**.

Na conversa percebi que ele é um homem bem sábio, pela sua forma de se comunicar e de repassar informações. Centriny e a avó de Maurício conversaram sobre histórias antigas, relembrando suas juventudes, e lembrando de personagens importantes no Terecô na cidade de Codó, renomados líderes religiosos como, por exemplo, mestre Bitá do Barão, Eusébio Jansen e Maria Piauí, que inclusive são citados em vários artigos e estudos acadêmicos¹³.

No diálogo eles também citaram histórias de como o canal da água fria¹⁴ antigamente era bem limpinho, água essa que muitos usavam para diversas finalidades, como também a água do rio ¹⁵Itapecuru, realidade bem diferente dos dias atuais, diante de toda poluição imposta pela sociedade codoense e das cidades vizinhas. Em meio a tantas histórias, uma me chamou bastante atenção quando Cícero Centriny falou de um festejo que aconteceu na casa de Mestre Bitá do Barão com a corrente de caboclos índios, ele citou que na época a segurança com as pessoas que estavam olhando e observando a gira não era tão forte como é hoje, pois hoje quando acontece essa corrente o dono do terreiro coloca uma série de restrições,

¹³ Estima-se que Umbanda foi introduzida em Codó na década de 1930, com a chegada de Maria Piauí ou Maria Carinhosa, mãe de Santo que fundou a Tenda Espírita de Umbanda Santo Antônio. A partir da sua chegada, muitos terecozeiros passaram a utilizar a palavra Umbanda para descrever também as suas tendas, ainda que tocassem o Tambor da Mata. Acreditam que a incorporação da Umbanda pelos terecozeiros foi uma estratégia diante da perseguição policial, efetivada de forma mais intensa sobre o Terecô. (Ahlert, 2013, p. 21-22).

¹⁴ Canal que atualmente recebe o curso do antigo riacho Água fria, na beira do canal são vendidos frutas, carnes, temperos, roupas, calçados e utensílios domésticos. Há relatos de codoenses que há algumas décadas a água que passava nesse canal era bem limpinha e era usada para diversas finalidades, como tomar banho e lavar roupa. (Ahlert, 2013.p.52)

¹⁵ Existem diferentes versões sobre o povoamento do território onde hoje se localiza o município de Codó. A primeira versão remete a presença de um depósito de mercadorias, construído de taipa e palha, na margem do rio local, o Itapecuru. Por intermédio desse rio eram realizados o transporte fluvial e o comercial na região. (Ahlert, 2013.p.55)

naquela época um indígena saiu do terreiro e isso fez com que as pessoas que estavam em volta corressem muito, fazendo com que muitas pessoas se machucassem, alguns machucando pernas, outros os braços. Diante disso, os Pais de Santo se viram obrigados a impor algumas restrições que ao longo do trabalho irei abordar com mais detalhes.

Figura 4 - Foto da chuva no terreiro de Oxum com Obaluaê.



Fonte: Arquivo pessoal, 17/05/2024.

Alguns minutos se passavam e a chuva só aumentava, mesmo em uma conversa descontraída a avó de Maurício, dona Jesus de Marambaia, se mostrou bastante aflita em relação ao festejo, ela disse que estava o dia todo sem comer, já que em dias de ansiedade, como o dia do festejo, ela não sente fome. Isso mostra o quanto as pessoas levam a religião a sério, pois uma senhora como ela de idade já avançada e que passou por diversos festejos em seus 65 anos dentro da religião mesmo assim nunca perdeu o frio na barriga. Através dessa fala de dona Jesus de Marambaia também pude mensurar o tamanho da responsabilidade que o Pai/Mãe de Santo carrega assumindo as responsabilidades de um terreiro, pois como dona Vivença¹⁶ fala na pesquisa **Terecô: Um ponto de ligação entre Codó e África**, “queira ser um filho, mas, não queria ser um pai” (Alves, 2022, p.76). Esse aconselhamento dela nos faz refletir e entender o quanto é difícil comandar um terreiro.

¹⁶ Uma grande Mãe de Santo que nasceu em Parnarama-Ma e dedicou o resto da sua vida a trabalhos feitos em Codó. Se tornando uma Mãe de Santo bastante reconhecida regionalmente.

Dona Jesus mostrava um grande incômodo com a chuva, pois sabia que se continuasse chovendo eles teriam que cancelar à ladainha, ladainha essa que é o momento de rezas dedicadas aos santos para que o festejo ocorra da forma correta, coisa que felizmente Maurício já teria começado na obrigação das 5 horas da manhã, em um momento fechado somente para os praticantes da casa.

Dona Jesus de Marambaia mostrou um certo descontentamento com Maurício pelo fato dela ter dito para ele que neste dia ia chover, disse que quando ela era boa de saúde ela fazia o festejo só em um dia e fazia de dia, porque tinha medo dos ladrões e da periculosidade que já existia na época, ela alega que as giras tarde da noite dificultavam a ida e vinda das casas visitantes e isso seria um motivo de preferir fazer sua festa pelo dia, já que ela se sentia mais segura. Mas apesar de ter demonstrado esse descontentamento com a decisão de Maurício de fazer a festa em três dias pela parte do dia e da noite, ela disse que tem muito orgulho dele porque ele é muito organizado, muito conversador e está fazendo um ótimo trabalho à frente do terreiro principalmente no que diz respeito aos Filhos de Santos, que o respeitam e o admiram. Mostrando a importância da figura de uma liderança no terreiro independentemente se for homem ou mulher, como cita Alves:

Pensemos também, quando se percebe como se dão as dinâmicas do terreiro, se capta que dentro daquele espaço não se faz diferença se é mãe ou pai de santo, não se faz diferença em relação se é mulher ou homem, não se busca um gênero dentro desta instituição, o que se vê é uma pessoa que desempenha o papel primordial do terreiro e que se agencia essa prática de cuidar. (Alves, 2022, p.75).

Logo após alguns minutos de conversa, mesmo serenando, Maurício sai da casa e passa andando na direção do salão me chamando de forma tímida para eu acompanhá-lo, eu de imediato o acompanhei até o salão, lugar que mais tarde seria o principal palco do festejo, chegando lá ele me pediu para sentar na cadeira que fica destinado para a Mãe de Santo (ou Zeladora, como nomeia-se em algumas casas) e ele sentou na dele de Pai pequeno da casa, em seguida ele me perguntou, “Olha a ornamentação do salão, o que você acha?”; eu de imediato respondi: “Toda ornamentação ficou maravilhosa, tenho certeza que todos que vierem aqui vão elogiar essa ornamentação.” Em seguida fiz algumas perguntas de quais casas de Codó ele tinha convidado, ele citou o nome de algumas, que inclusive eu já fui visitar e falou que provavelmente neste primeiro dia não haveria tantos visitantes, mas a previsão é

que no segundo e terceiro dia o terreiro ficaria lotado, em razão de que ele afirmou que já estaria certo a vinda de três ônibus, um de Açailândia, um de Campo Maior e um de São Luís que além do mais, nesse viria algumas das Filhas de Santo da sua casa. Imediatamente não fiquei tão surpreso, pois como destaca Cruz:

Codó, por conta da fama de seus pais e mães de santo, passou a figurar como uma cidade muito visitada por turistas nacionais e estrangeiros, como fotógrafos, pesquisadores e admiradores da religiosidade afro-brasileiras. Os turistas ao chegarem na cidade vindo pela primeira vez, chegam a se surpreender pela grande quantidade de terreiros que existem na cidade. (Cruz, 2022, p.17).

Maurício afirma que no total sua casa tem 40 Filhos de Santo, em sua maioria de Codó, alguns de Timbiras, alguns de São Luís e dois da França que sempre que podem vêm ao Brasil fazer suas obrigações na casa. Alguns minutos foram se passando e foi ficando claro que a Ladainha teria que ser cancelada, porque quando a chuva parasse, ainda era preciso tirar a água que estava acumulada no terreiro, pelo fato de ter um cano entupido isso levaria algum tempo, já que logo em seguida, todos teriam que começar a se arrumar para o início do festejo ao público, aguardando convidados, amigos, filhos de outras casas, patrocinadores, simpatizantes e curiosos. Portanto, já finalizando meu diálogo com Maurício, ele me fala:

Ainda bem que fizemos essa salva das 5 horas da manhã, pois a oração aos santos não poderia passar em branco, porque com essa chuva precisaremos cancelar a ladainha, já que os meninos vão ter que tirar toda essa água do terreiro e todos ainda vão se arrumar para o começo do festejo. (Souza, 2024).

Com essa atitude de Maurício pude perceber o quanto ele estava comprometido com o horário do cronograma do festejo, pois em poucas horas, iniciaria o grande festejo de 20 anos da casa de Oxum com Obaluaê.

CAPÍTULO 2

Abertura do festejo de 20 anos da casa de Oxum com Obaluaê

A abertura do grande festejo de 20 anos da casa de Oxum com Obaluaê se iniciou com a obrigação do **“Louvariê da Mata Codoense”**, esta primeira obrigação teve como de costume, a honra de abrir esse grande festejo com o seu início marcado para às 23 horas. Como estava cedo, fui para casa descansar um pouco, pois sabia que o tambor tocaria até o amanhecer. Por volta das 22:30 eu retornei ao salão com a finalidade de observar os últimos detalhes antes do início do festejo, quando cheguei acompanhado de meu amigo Junior um dos seguranças chamado Jorge, me questionou, “É você um dos que está autorizado a fazer gravações?”. Eu respondi que não, porque achava que ele estaria perguntando de forma mais profissional, como uma TV ou algo do tipo. Em seguida, quando eu entrei no terreiro, já observei a movimentação dos Filhos de Santo fazendo a fila para entrar no salão, quando cheguei mais perto, também notei a movimentação de várias pessoas que estavam ali só para acompanhar o festejo. Maurício estava no meio do salão e quando me viu chamou o segurança, olhou novamente em minha direção, e apontou para mim e para o Junior dando permissão para que somente nós dois pudéssemos filmar todas suas obrigações, coisa que a princípio fiquei um pouco surpreso, mas ao mesmo tempo muito lisonjeado do reconhecimento dele com a minha pesquisa.

Iniciou o “Louvariê da Mata codoense”, Maurício começa cantando: “Louvariê doromina é muresão, muresão, muresão, muresão, louvariê senhor verequete aos anos bons em homenagens é no es on, louraviê”. Enquanto Mauricio fica no centro do salão cantando, todos Filhos de Santo ficam de joelhos e cabeças no chão aguardando a vinda dos encantados, nessa hora, é possível observar o quanto os abatazeiros são importantes com seus toques e o quanto esse lugar sagrado tem força e energia, pois com poucos minutos alguns encantados já começam a descer.

Figura 5 - Obrigação de Louvariê da Mata Codoense, Filhos de Santo esperando a chegada dos encantados.



Fonte: Arquivo pessoal, 17/05/2024.

Demora pouco, após a gira já estar em movimento, chegaram os visitantes de outras casas, Pai de Santo Café, Pai de Santo Antônio Filho, todos eles acompanhados de seus Filhos de Santo com roupas coloridas, realçando a beleza do festejo, pois os Filhos de Santo da casa de Oxum com Obaluaê estavam todos com as roupas brancas, sendo assim sabia-se diferenciar os donos da festa e os visitantes do festejo. É importante destacar que quando os Pais de Santos convidados chegaram no terreiro, primeiro eles entraram no salão sem a companhia dos seus Filhos de Santos, reconheceram a energia da casa e em seguida convidaram seus Filhos a entrarem na gira. As horas foram se passando e alguns abatazeiros foram se cansando, diante disso, eles começaram a se revezar, para que o tambor não parasse, sempre que eu olhava a fogueira tinha um tambor aquecendo, para que a qualidade do toque não fosse se perdendo.

Dentro do Terecô existe muita energia irradiada da corrente, se você for iniciado na religião há a probabilidade de você manifestar sua entidade, mesmo sem estar na gira, isso aconteceu com um rapaz por volta das 3 horas da manhã neste primeiro dia de festejo, ele tinha ido apenas assistir. Chegou próximo ao salão e começou a beber cerveja com sua irmã e quando todos se depararam ele já estava dentro da gira dançando. Professor Alexandre, Junior e eu estávamos perto da irmã dele e ela disse as seguintes palavras direcionadas a nós: “Faz horas que eu chamava ele pra ir embora, nós dois somos da religião e a energia aqui é muito forte, amanhã ele trabalha

cedo por isso estou preocupada com ele”. Logo em seguida comecei a observá-lo enquanto dançava, ele ria vendo o desespero da irmã dele, despertando minha curiosidade a respeito de qual era a entidade ali presente, quem estava ali dançando e rindo, já que não era mais o irmão dela, e a moça me respondeu “Essa é a Maria Molambo, agora ela vai querer beber e ficar dançando no salão até amanhecer”. Ao contrário das expectativas da irmã, a entidade subiu depois de poucos minutos, deixando o rapaz bem cansado, então, sua irmã rapidamente o abraçou e lhe convidou a sair do terreiro para que eles pudessem ir para casa, mostrando a todos que estavam ali, que quando se trata de incorporação há muita força e energia envolvidas. Alguns minutos depois eu perguntei para Evelyn, uma das Filhas de Santo de Maurício de Obaluaê, a respeito do ocorrido com o rapaz, ela me falou que isso dentro da religião se chama “irradiação”, que é quando a pessoa visitante é contagiada pela energia presente na corrente, cadenciada pelos tambores, puxada pela casa. A gira continuou, e o tambor foi até amanhecer, vários encantados se fizeram presentes até o sol raiar, como seu Légua Boji Buá, incorporado na croa do Pai de Santo Antônio Filho e o Mestre Supriano incorporado no Pai de Santo Café, ambos cantaram e se divertiram muito na festa.

Figura 6 - Foto de seu Boiadeiro incorporado na croa de Maurício dançando e tocando seu berrante.



Fonte: Arquivo pessoal, 17/05/2024.

Quase sete da manhã, quando eu já estava lá fora para ir embora descansar, observando aquele movimento de pessoas entrando e saindo da Casa de Oxum com Obaluaê, me perguntei, como todos que estavam lá, pesquisadores, brincantes e seguranças teriam forças para ficar de pé até às nove horas da manhã? Visto que na programação da casa, as nove horas da manhã do dia 18 de maio de 2024 (segundo dia de festejo), continuaria o festejo com a **obrigação de São Cosme e Damião**¹⁷ e **a corrente de Erês**¹⁸. Como cheguei em casa muito cansado, mas ao mesmo tempo muito disposto de ver essa obrigação que é considerada muito importante dentro do Terecô, sabia que atrasaria um pouco pelo fato de terem tocado tambor até o amanhecer, descansei algumas horinhas e cheguei por volta das 10:30 por acreditar que começaria 11 horas. Cheguei e me sentei próximo ao salão que estava na preparação final para essa grande obrigação dedicada aos irmãos São Cosme e Damião e a corrente de Erês, o salão de fato bem enfeitado, com muita pipoca, muitos doces, refrigerantes, pirulitos, balinhas, brinquedos e um lindo bolo confeitado, resumindo, tudo que criança gosta, já que os Erês são divindades infantis que descem para se divertir no salão.

¹⁷ São Cosme e Damião foram irmãos gêmeos conhecidos pelas suas curas milagrosas e seus cuidados e proteção com as crianças. São santos católicos que foram sincretizados nas religiões de matriz africana já que no passado essas religiões foram forçadas a se adaptar ao catolicismo, evitando perseguições. (Dias, 2013, p.6)

¹⁸ Seu nome vem do termo iorubá "eré", que significa "brincadeira" ou "criança". São entidades espirituais muito importantes nas religiões afro-indígenas, eles são vistos como entidades alegres e brincalhonas, representando espíritos infantis de forma muito sábia espiritualmente. (Luhning, 1993, p.1)

Figura 7 - Foto da mesa do salão de Oxum com Obaluaê no dia da Obrigação de São Cosme e Damião e a corrente de Êres.



Fonte: Arquivo pessoal, 18/04/2024.

No intervalo de tempo que algumas mulheres terminavam de se arrumar para começar a obrigação, fiquei conversando com alguns Filhos de Santo de Maurício que já estavam prontos, inclusive tive uma conversa bastante interessante com um rapaz que é um “faz-tudo” na casa de Maurício, ele se chama Davi. Pelo fato das minhas idas frequentes no terreiro nós dois criamos um vínculo de respeito, eu especialmente o admiro muito, pois, ele apesar de ser novo e ser apenas mais um Filho de Santo da casa, é uma pessoa importantíssima no terreiro, se dispondo a fazer várias funções, vi várias vezes tocando tambor, tocando cabaça, tocando muito bem pífano, (que é uma espécie de flauta no Terecô), limpando o salão e sempre mostrando preocupação em deixar o couro do tambor aquecido.

Em uma das minhas perguntas a Davi, perguntei, “Davi pelo que percebo tu se sentes muito bem dentro desta casa, estou certo?” Ele sem titubear respondeu: “Aqui eu me sinto em casa, faço tudo que posso para que as coisas deem certo, não faço por obrigação, faço porque gosto, poderia tá fazendo várias coisas com meus amigos lá fora, mas eu gosto de tá aqui”. Fiquei surpreso com a resposta dele, pois abdicar de brincadeiras para viver uma religião que exige uma grande seriedade, é sem dúvidas uma opção pouco escolhida por toda sociedade, e que revela vínculos comunitários e de sociabilidade constituídos com base na religião afro-indígena. Diante da resposta de Davi pude ter noção sobre o quanto o Terecô é importante na vida das pessoas que participam das festas, não só trazendo benefícios espirituais, mas também benefícios sociais, vínculos de pertencimento e solidariedade, lastreados

por uma longa história de luta dos ancestrais. Tal noção de responsabilidade com o culto vem muito do Pai de Santo da casa, de como ele ensina, de como ele zela e como ele guia seus Filhos de Santos, pois os ensinamentos são sim repassados de geração a geração, como por exemplo, a Yalorixá Nilza de Odé que é a Mãe de Santo de Maurício de Obaluaê, ela é sem dúvidas bastante reconhecida pela sua força espiritual e por ter a fama de sempre buscar melhorias para seu bairro, especialmente para os jovens, através de conselhos e da obtenção de cursos profissionalizantes. Importante citar, nesse sentido, um trecho escrito pela pesquisadora Ilka Pereira, publicado no livro “**Pelas mãos de mãe Nilza**”:

Assim, o Terreiro se constitui como uma grande escola, na qual se ensina e se aprende, a partir de uma filosofia ancestral, na qual esses conhecimentos vão sendo modulados e repassados no desenrolar das relações cotidianas (Pereira, 2022, p. 205-206).

Figura 8 - Foto de Davi aquecendo o couro do tambor durante o festejo da casa de Oxum com Obaluaê.



Fonte: Arquivo pessoal, 18/05/2024.

Passaram-se alguns minutos, e logo todos estavam prontos para a continuação do grande festejo de aniversário de 20 anos da casa, todos bem arrumados e de roupas coloridas. Maurício entra primeiro no salão, em seguida os Filhos de Santo entram todos juntos formando uma fila, base para o encadeamento da corrente

ritmada pelos tambores. Maurício junto dos sons dos tambores começou a cantar, e todos começaram a andar em forma de círculo, em poucos minutos Maurício recebeu um Erê e começou a brincar como uma criança, contagiando os Filhos de Santo que logo também incorporam seus Erês, e daí para a frente, o cuidado das pessoas que faziam parte da diretoria do festejo foi redobrado, pois os Erês não param, escondem sandálias, sapatos, escondem de fato qualquer item que chamem a atenção deles. Em seguida comeram doces, bombons, jujubas, pirulitos, começaram a brincar com carrinhos de brinquedo e chocalhos. O trabalho da diretoria acabou sendo muito importante, pois as vezes os Erês discutem entre si, brigando como crianças, seja por doces ou por brinquedos, como no caso que aconteceu com a entidade de Maurício e de Bacabal, que é um Filho de Santo da casa, eles acabaram se empurrando, e foram disciplinados com espadas de São Jorge¹⁹ para que eles parrassem e se comportassem, para não gerar confusão dentro do salão. Enfim, com eles se acalmando, as diretoras do terreiro começaram a cortar o bolo para servir os Erês e todas as pessoas que estavam acompanhando a obrigação, mostrando empatia e respeito mesmo com as pessoas que estavam só olhando, servindo todos de forma igual, entregando doces, refrigerantes e brinquedos para as crianças que estavam no salão, cumprindo assim a obrigação de São Cosme e Damião na corrente dos Erês.

Figura 9 - Presença dos Erês incorporados no salão Oxum com Obaluaê cumprindo a obrigação de São Cosme e Damião e as correntes de erês.



Fonte: Arquivo pessoal, 18/04/2024.

¹⁹ É uma planta de origem africana considerada uma folha sagrada no Terecô. Inclusive ela além de ser utilizada como espada de São Jorge no terreiro, ela tem uma ótima utilidade medicinal. Em Codó ela é muito conhecida pela população em geral (Borges, 2020, p.04)

Na programação nas horas seguintes, as dezenove horas do dia 18/05 começaria a **obrigação de São Sebastião com a corrente de Caboclos Índios**, essa infelizmente não consegui acompanhar completamente, pois tive que resolver uns problemas pessoais e não consegui chegar a tempo de acompanhar a maior parte, mas quando se tem esse tipo de obrigação, sabe-se que algumas restrições tem que ser impostas pela diretoria do festejo, como por exemplo reforçar a segurança, a proibição de celulares e muito cuidado com as cores de roupas dos visitantes, pois os caboclos incorporados não aceitam visitantes usarem preto (cores escuras), logo que estes indígenas são muito valentes, representando guerreiros, com suas flechas, armas, que descem na corrente dos caboclos em formação de luta, com o tambores tocando numa cadência própria da corrente. Todo esse cuidado é muito importante para que não ocorra acidentes, principalmente de pessoas desavisadas, vestidas com as cores proibidas para a ocasião, em razão de que podem levar uma “carreira” dos caboclos, terem seus celulares destruídos, ou serem acertadas pelas flechas ou bordunas dos guerreiros, como já ocorreu em festejos anteriores em outras casas.

Cheguei a tempo de acompanhar o ponto alto do ritual. Ao contrário das outras obrigações, nessa o Pai de Santo e seus Filhos já entraram no salão incorporados, todos trajados com penachos, tangas, com rostos pintados de vermelho. Nesta obrigação o ritmo do Tambor é diferente, visto que o toque se dá de forma mais lento que o toque do Tambor de Mina e o Tambor da Mata. Uma vez que os caboclos indígenas não têm o costume de dançar e girar como as outras entidades, eles descem, comem as oferendas, fazem seu ritual e depois sobem, geralmente a vinda dessas entidades para dentro do salão é guiada pelo som do pífano/flauta tocado por um abatazeiro. Durante a obrigação, os guerreiros são comandados por um Cacique, entidade que lidera o grupo, que canta e grita para que todos cumpram bem a obrigação, eles entram no salão em forma de corrente e são recebidos com várias oferendas de frutas variadas, como melancia, banana, uva, maçã e amendoins. Em seguida, dentro do próprio salão, eles pegam palhas cobertas de espinhos e abraçam, depois de se abraçarem com as palhas, eles as colocam no chão e se sentam em cima das palhas com espinhos enquanto comem as oferendas.

Geralmente nessa obrigação ficam poucos visitantes no terreiro, pois muitos têm medo e não tem coragem de ficarem na presença dos caboclos, logo que olhando para seus rostos é notória sua valentia e seriedade, o tempo todo gesticulando como se fossem lançar suas flechas, visto que, seus olhares na maioria das vezes são muito

intimidadores, como se estivessem numa mata caçando em grupo. Mas é importante destacar, que apesar de toda essa seriedade, eles são sem dúvidas entidades de muita luz e amor dentro da religião, pois esses caboclos são bastantes conhecidos por terem ótimos conselhos e também serem ótimos curandeiros, eles agem na direita através da linha de Oxóssi²⁰, conduzindo as energias de grandes e importantes guerreiros, que através da convivência na mata passam seus conselhos e as suas experiências de geração a geração, seja com banhos de ervas, com garrafadas ou consultas. O encerramento dessa obrigação e a subida dessas entidades é marcado pelo cântico “Arangabatá ta ta ta, Arangabatá ta ta ta, Arangabatá ta ta ta”. Em relação a essas entidades, a pesquisadora Mundicarmo Ferretti cita que:

À linha da mata pertencem entidades caboclas menos civilizadas e menos nobres, que vivem, geralmente, em lugares afastados das grandes cidades e pouco conhecidos e que costumam vir beirando o mar ou igarapés como o 'povo' de Codó, chefiado por Légua Boji, e o 'povo fulupa' chefiado por rei Surrupira. (Ferretti, 2000, p.81)

Essa visão de Mundicarmo Ferretti gera grandes discussões, já que quando ela cita essa linha da mata como caboclos “menos civilizados” ela deixa de enaltecer o quanto essa linha é sábia e fundamental para aqueles que buscam cura, proteção e sabedoria, visto que esses caboclos têm um profundo conhecimento da natureza para equilibrar o corpo físico e o espírito dos seus praticantes. Por se tratar de uma corrente associada marcadamente aos povos indígenas, a autora acaba reproduzindo o ideário colonialista da classificação.

Com o fim desta obrigação que geralmente é rápida, pois feita para dar passagem para as outras correntes que vem em seguida, haveria mais tarde na programação, às 23 horas do dia 18/05 a **Obrigação a São Jorge**, mais conhecida popularmente dentro do Terecô como **“arreada de São Jorge com seus comandados de falange”**. Essa obrigação antecede a virada das correntes para a esquerda²¹, que consiste na arreada específica de Exus e de Pombas Giras dentro do

²⁰ A direita compete as entidades espirituais que são conhecidas por trabalharem com proteção, orientação e cura. A linha de Oxóssi é a linha que zela a natureza, Oxóssi é uma entidade conhecida como o protetor dos animais e das florestas. (Camargo, 2019, p.201).

²¹ Ao contrário do que o senso comum pensa, a esquerda não é destinada a demônios malignos, assim como as pombas giras não são espíritos de prostitutas mortas. De fato, na Umbanda, os Exus e Pomba giras são agentes espirituais a serviços dos setes orixás (Oxalá, Ogum, Iemanjá, Iansã, Oxóssi, Oxum e Xangô), (Camargo, 2019, p.16)

Terecô, que ganha outra conotação e expressa a presença de rituais sincretizados com a Umbanda²² dentro do Terecô.

A arreada de São Jorge com seus comandados de falange, apesar de marcada para o seu início as 23 horas começou por volta da 1 hora da madrugada, é importante salientar que, dentro do Terecô, a viradas das correntes sempre começam em horário indeterminado, e quase sempre após a meia noite.

Figura 10 - Foto do salão com os Filhos de Santo da casa Oxum com Obaluaê.



Fonte: Foto tirada por Francisco de Assis Alves, 18/05/2024.

Nessa arreada, especificamente após o seu início, é proibido qualquer tipo de foto ou filmagem, pois é uma regra estabelecida em todos os terreiros que eu visitei na cidade de Codó, pelas expressões da incorporação e pelo clima que fica o salão, em sua grande parte com as luzes apagadas e muita força na arreada. Quando se começou a gira, todos da casa se reuniram dentro do salão, e a virada foi conduzida pelo Exu Tata Caveira incorporado em Maurício de Obaluaíê. Portanto, Maurício fez a frente na corrente para entrar dentro do salão e todos fizeram um círculo maior seguindo o toque do tambor para chamar as entidades para terra, seguindo do toque, as entidades começaram a vir e dançar. O toque na Umbanda se diferencia do toque do Tambor de Mina e do Tambor da Mata, porque ele apesar de ser rápido não é

dobrado como no Tambor da Mata e não é tocado de forma cadenciada como no Tambor de Mina, é um toque que mantém o equilíbrio, nem tão rápido, nem tão lento.

Quando as entidades chegaram, foi bem perceptível, porque não só as expressões dos rostos mudaram, mas as risadas e as gaitadas delas as entregaram, muitas risadas altas e estridentes, dizem que a gargalhada serve de descarrego das forças contrárias e negativas. Em seguida os diretores da casa levaram vinho, champanhe e cigarro para os Exus e Pombas Giras, seu Tata Caveira ficou no centro do salão, colocou sua capa, recebeu seu tridente, e logo depois que todas as entidades chegaram a ele se retirou do salão e foi para o quartinho de Exu, (quarto esse do lado do salão). Nesse quarto ele foi fazer sua entrega sozinho, fazer sua oferenda e depois retornou para dentro do salão. Continuou a gira normal, pois nessa arreada específica, somente ele pode sair do salão, em razão de que nessa gira essas entidades não costumam sair do salão para conversar, para beber, ou fumar. Após algumas horas, seu Tata Caveira como chefe da corrente dá a ordem para todas as entidades subirem, cantando “Adeus que eu já vou me embora, não posso mais demorar, a canoa ta no porto, a maré vai me levar, vou me embora, vou me embora, eu vou para as ondas do mar”. Como é de tradição, essa arreada não demora muito, as entidades descem, bebem, fazem suas danças e sobem ao mandado de quem está conduzindo a corrente, depois da subida das entidades, ligam-se as luzes e assim finalizam a obrigação.

CAPÍTULO 3

Último toque do festejo

No último dia do festejo, foi bem perceptível o cansaço no rosto dos Filhos de Santo da casa. Ainda que cansados, dava para observar que estavam muito felizes e satisfeitos, visto que o festejo estava sendo um sucesso. Na programação do festejo no dia 19 as obrigações começariam as nove horas da manhã, mas como na noite anterior foi usada muita força e energia, eles acabaram descansando um pouco mais e terminaram de se arrumar por volta das onze horas da manhã. A primeira obrigação deste dia foi descrita como **“Tambor em ritmo da Mata codoense e batizado do boi encantado de Boiadeiro”**. Quando todos ficaram prontos era notória a beleza das roupas e a ornamentação do salão, deixando claro que a casa faria o possível para encerrar esse festejo com chave de ouro. Observou-se muita movimentação no terreiro, pois estava lotado de pessoas de cidades vizinhas, vários Pais e Filhos de Santo, simpatizantes com a religião e parentes de Filhos de Santo da casa.

Às onze e meia iniciou-se a obrigação, Maurício puxando e liderando a corrente entrou e ficou no meio do salão, logo depois que todos entraram, Maurício começou a cantar: “ Zanda Maramadã ê pai, Zanda Maramadã aiê, Zanda Maramadã ê pai, Zanda Maramadã aiê” todos levantaram a mão e demonstraram respeito e adoração pela canção. Em poucos minutos Maurício incorporou seu Boiadeiro, pediu seu chapéu e começou a dançar, diante da sua presença vários encantados começaram a chegar. Nessa obrigação é importante destacar que de acordo com que a gira foi prosseguindo, ficou claro o quanto o seu Boiadeiro é respeitado dentro da casa de Oxum com Obaluaê, pois todos os encantados foram o cumprimentar e pediram sua mão para os abençoar.

Figura 11 - Foto de Maurício incorporado em seu Boiadeiro puxando as ladainhas no cumprimento da obrigação.



Fonte: Arquivo pessoal, 19/05/2024.

O tempo se passava e a festa cada vez mais linda ficava, o tambor sendo tocado de forma dobrada, todos dentro do salão dançando bem animados, vários encantados presentes, se diferenciando através de chapéus, como as entidades da família de Légua, pois quando eles descem pedem seus chapéus e assim são colocados nos seus cavalos, que é um dos nomes que definem os médiuns em transe. A energia e a entrega dessa obrigação eram tão intensas que era nítido quando os Filhos de Santos saíam do salão para revezar as danças, pois todos estavam bem cansados, aparentemente esgotados, mas sempre dispostos a darem até sua última gota de suor para o funcionamento da obrigação, porque como eles costumam falar, eles não se mandam e nem se governam, pois ali, eles são mandados e governados pelos seus encantados.

Às 13 horas o Boi que seria batizado aparece no salão, dançando e alegrando a todos que o aguardavam, chamando atenção não só pela sua beleza, mas também pelos seus movimentos rápidos na dança. Passam-se alguns minutos e Maurício de Obaluaê começa a cantar uma música em homenagem ao boi, cantoria acompanhada em conjunto com os seus Filhos de Santo da casa: “Choveu, agua rolou, lá foi tanta agua que meu boi bebeu, lá foi tanta agua que meu boi nadou, Aê boi, boi lâ , Aê boi, boi lâ, Ô boi, boi, boi, boi, boi iâ,” diante dessa canção no ritmo do Tambor da Mata,

com o toque dobrado e o acompanhamento da cabaça, do tarol e do pífano se percebe a chegada de várias entidades para prestigiar a festa e comemorar o batizado do boi, com a presença ilustre do boi no salão, várias crianças entraram no salão para ver o boi, enxergando nele uma espécie de amigo, através dessa observação eu pude me atentar o quanto é importante para a religião essa convivência próxima das crianças nos terreiros, para que assim elas possam seguir a religião e passarem os costumes de geração a geração.

Passam-se alguns minutos e o encantando de Maurício, Seu Boiadeiro, pediu a atenção de todos, convidando os quatro padrinhos do Boi a se dirigirem ao salão para que assim conseguissem efetivar o batizado, todos os Filhos de Santo se distanciaram um pouco para que os padrinhos escolhidos pudessem ter mais espaço no salão, quando eles chegaram, cada padrinho recebeu uma vela para segurarem enquanto seu Boiadeiro batizava o boi, enfim, com a chegada de todos os padrinhos, através de uma ladainha, seu Boiadeiro batizou o boi com galhos da planta pingo de ouro²³, assim com ela na sua mão finalizando a obrigação. Nesse mesmo instante, a casa soltou vários foguetes em comemoração ao batizado, o tambor continuou e a comemoração não acabou. Posteriormente a diretoria começou a cortar o bolo em homenagem ao seu Boiadeiro, com o nome personalizado de “Xetruá seu Boiadeiro” um lindo bolo, acompanhado de vários docinhos, refrigerantes, tudo que um aniversariante poderia ter, desta maneira, assim cessou a primeira obrigação do dia por volta das 14 horas.

²³ Usamos a planta pingo de ouro porque para nós da religião ela é uma planta sagrada e tem poder de atrair fartura e abundância. (Souza.2024)

Figura 12 - Padrinhos segurando as velas durante o batizado do Boi na casa de Oxum com Obaluaê.



Fonte: Arquivo pessoal 19/05/2024.

Após o fim da obrigação, todos foram rapidamente descansar alguns minutos e almoçar. Diante disso, muitos Filhos de Santo estavam exaustos, com fome e com calor, pois o dia estava muito quente e as roupas dos Filhos de Santo esquentam muito pelo fato de serem roupas longas e de tecidos bordados. Em meio a esse corre-corre, a rua do salão e as ruas vizinhas estavam cheias de pessoas trajadas como terecozeiros, com seus chapéus, lenços e roupas coloridas, seja nas padarias, restaurantes e lanchonetes, mostrando a normalidade e familiaridade da população, sobretudo os vizinhos próximos, que já conheciam a grandeza da festa. Fica nítido que o Terecô em Codó não é abrigado somente em salões, o Terecô também é da rua, do povo, com suas correntes circulando em toda parte.

Eu também estava cansado e decidi ir em casa tomar banho, almoçar e descansar um pouco, mas como estava muito ansioso para assistir a próxima obrigação, logo retornei em direção a casa de Oxum com Obaluaê, quando cheguei, de longe avistei aquela diversidade de cores na rua, pois na porta da casa estavam diversos grupos de casas visitantes, cada casa com sua cor de roupa, todas lindas, abrilhantando mais ainda e levando muita força para a casa aniversariante. Quando me aproximei da entrada do salão vi uma amiga que é de uma tenda que eu já visitei no bairro Codó Novo, ela se chama Brenda, como eu estava vestido com roupas

brancas ela me perguntou se eu já teria iniciado na religião, em tom de brincadeira disse, “Iae Pedro tu vai dançar hoje?”. Eu rapidamente respondi: “Estou fazendo apenas pesquisa” e logo em seguida ela me falou, “Mas dentro do salão ninguém se governa né, vai que hoje um encantado quer te fazer dançar”. Em tom de brincadeira também respondi, “É verdade, nunca se sabe né”. Apesar de ter sido uma conversa descontraída, confesso que fiquei um pouco receoso, por ter receio que ela estivesse tendo uma previsão do que aconteceria naquela tarde, não por receio da religião, mas por uma possível iniciação em meio a tantas pessoas no salão, pois quando se fala na religião afro-indígena, Terecô é mistério, e dentro do salão tudo pode acontecer. Apesar do nervosismo, segui em frente e me dirigi ao salão pensando, “que seja feita a vontade de Deus e a vontade dos santos”.

Após todos se alimentarem, banharem e descansarem, isso num intervalo de algumas horas, pela grande quantidade de Filhos de Santo, por volta das 5 horas da tarde todos já estavam postados no terreiro para o começo da obrigação de **“Aniversario da casa com toque de tambor de mina em homenagem aos Orixás da casa e luxuosa corrente de Tambose²⁴, príncipes e princesas das águas doces”**. A obrigação começou com todos os Filhos de Santo da casa aniversariante entrando no terreiro em forma de uma corrente, sendo guiados pelo Pai de Santo pequeno da casa, Maurício de Obaluaê, dessa vez, todos vestidos com roupas em tons verdes, ao som do toque do tambor de Mina, todos os Filhos de Santo começaram a andar em círculos pelo salão ao som do toque de Mina, lento e cadenciado. Demora mais que o Terecô o processo de incorporação, pelo fato de ser tocado de forma mais tranquila, diferentemente do tambor da Mata, mais frenético, com “toque dobrado”.

Passam-se alguns minutos, e é possível observar alguns encantados descendo para prestigiar a festa, diante disso, na sequência, começou a entrada das casas vizinhas dentro do salão, com o costume do Pai de Santo entrar primeiro, se somando na corrente já formada, para começar também a dar voltas no salão, seguido dos seus Filhos de Santo. Em poucos minutos, o salão ficou lotado de Filhos de Santo da casa e das casas vizinhas, e o terreiro lotado de participantes e simpatizantes, prestigiando

²⁴ Grupo de divindades infantis, exclusivamente femininas, que vinha na Casa das Minas até meados da década de 1960. Como já foi dito, elas só eram recebidas pelos vodunsis- gonjaí, as que haviam se submetido ao processo especial de iniciação, o último dos quais foi realizado em 1914. (Ferretti, 2009. p.95).

o último dia de festejo. Com o salão lotado, começou o revezamento das danças e consequentemente a saída de algumas entidades incorporadas do salão para o terreiro, em busca de “espumosa e giz” que dentro do Terecô significam cerveja e cigarro, conversando com os presentes, rindo, cumprindo suas obrigações e se divertindo.

Figura 13 - Foto do último dia do festejo no terreiro do salão da casa Oxum com Obaluaê.



Fonte: Arquivo pessoal, 19/05/2024.

Com a continuação da obrigação, após o término do toque do tambor de Mina, e da obrigação das Tamboses, mudou a corrente. A cadência compassada, lenta deu lugar ao toque dobrado dos tambores. Os abatazeiros começaram a acelerar o ritmo, a cabaça entrou em cena de modo mais forte, dando relevo, projeção e caminho ao som dos tambores. Trocou da Mina para Mata. Entrava em cena o Terecô, veloz, ritmado, chamando a corrente das matas codoenses, contagiando não só quem estava no salão dançando, mas todos que estavam no terreiro, como, por exemplo, eu e meus amigos que estávamos acompanhando o festejo. Em determinado momento a energia estava tão forte que fiz uma pergunta para um amigo que estava nos acompanhando e é iniciado na religião, por coincidência também chamado Maurício, me surgiu a dúvida, apesar de ele ser iniciado em outra casa, eu perguntei “com toda essa energia e força aqui, tu não tens medo de manifestar teu encantado?” Ele me respondeu:

Tenho sim, mas antes deu vim olhar, eu sempre faço meu ponto em casa para meu encantado não manifestar, pois sei que a energia aqui é muito forte e prefiro diminuir esse risco, procuro não ficar tão atento as letras das músicas e ao som do tambor para que assim eu possa vim e ir de forma tranquila para casa. (Santos, 2024).

Através dessa declaração dele pude ver o quanto essa relação médium e encantado é importante, pois como as pessoas falam, elas vivem para suas entidades. Posteriormente no fim dessa obrigação, havia vários encantados espalhados no terreiro, pois chegava a hora da última obrigação do festejo, com passeata nas ruas de Codó. Um percurso coletivo de todos os presentes no festejo pela cidade de Codó, com os encantados e os Filhos de Santo descarregando suas energias nas ruas da cidade, enchendo os caminhos de cores e sons. Todos saíram do salão e do terreiro e ganharam a rua. Assim, a rua virou mata e a mata dos caboclos, boiadeiros, léguas virou rua, retomada pela corrente de entidades. O cortejo e os simpatizantes seguiram pelas ruas, dançando ao som de um “paredão” automotivo, acompanhado de um microfone na mão de Maurício, Pai pequeno da casa, que puxava ladainhas e pontos conhecidos por todos. No percurso observou-se vários tipos de reação das pessoas, simpatizantes filmando, intolerantes fechando as portas e pessoas querendo tirar fotos com encantados. A rua virou palco do povo da mata codoense. Por algumas horas a mata retomou a rua com suas correntes de encantados.

Figura 14 – Encantados descarregando suas energias na cidade de Codó através da grande passeata do encerramento do festejo da Casa de Oxum com Obaluaê.



Fonte: Francisco de Assis Alves 19/05/2024.

Após o fim da grande passeata pela cidade de Codó, todos retornaram para a frente da casa de Oxum com Obaluaê, assim encerrando a caminhada, mas não acabando a festa, já que o encerramento seria com a banda do renomado cantor “Fernando de Iemanjá”, que conta com 57 mil seguidores no Instagram e tem um grande reconhecimento dos praticantes do Terecô, causando um grande contentamento e alegria dos Filhos de Santo que estavam no festejo. Sabe-se que não é comum em Codó festas de cantores de Terecô na cidade, mostrando de certa forma, uma evolução da religião dentro da cidade, já que a banda foi contratada pela ajuda de vários patrocinadores e até mesmo da prefeitura de Codó, assim encerrando da melhor forma possível o grande festejo de comemoração dos 20 anos da casa de Oxum com Obaluaê.

Refletindo sobre todas essas atividades de pesquisa em campo, Minayo (2013) traz uma argumentação que é bem interessante e necessária:

A observação tem um sentido prático, pois permite ao pesquisador desvencilhar-se de prejulgamentos e de interpretações prontas, uma vez que é no convívio com o grupo estudado que o observador percebe as questões realmente relevantes e que compreende aspectos que, aos poucos, vão aflorando. (Minayo, 2013. p.277).

Figura 15 – Grande festa em frente à casa de Oxum com Obaluaê ao som do cantor Fernando de Iemanjá, gerando um grande entretenimento na cidade para os amantes do Terecô.



Fonte: Francisco de Assis Alves, 19/05/2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu interesse nesse tema da monografia se deu muito pelo fato de ter uma grande curiosidade de saber como funciona a dinâmica social envolvida no Terecô codoense, já que apesar de ser descendente de uma família praticante do Terecô, infelizmente eu não pude frequentar, entender e vivenciar a religião. Mas, com essa pesquisa mudei de rumo. Eu apesar de ser negro e descendente legítimo dessas religiosidades, fui induzido desde criança a acreditar que Terecô é uma religião ruim, negativa, permeada de estigmas.

As coisas começaram a mudar quando eu ingressei na UFMA, Centro de Ciências de Codó, quando fui provocado a pensar na religião e na história do povo de Codó em outros termos, não mais sob uma perspectiva estigmatizada. Conheci um senso crítico sobre a articulação do preconceito sobre a religiosidade afro-indígena, e me surgiu a curiosidade de pesquisar, de entender mais sobre o Terecô a partir da pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso. Inicialmente eu objetivava falar sobre o terreiro da minha falecida avó, mas por problemas de questão de saúde do meu tio e por pouca afinidade com ele decidi procurar um outro terreiro. Logo depois conheci o terreiro da casa de Oxum com Obaluaê, que abriu as portas para mim e para minha pesquisa, me tornando uma pessoa bem próxima dos Pais de Santo da casa e da maioria dos seus Filhos de Santo, me sentindo em um ambiente bem familiar durante toda a pesquisa. Descobri nesses caminhos um jeito de abordar o tema, convivendo com as pessoas do terreiro, frequentando seu festejo, conversando, trocando ideias, tudo isso delineado através da minha experiência como observador participante.

Por fim, a construção dessa monografia deixou claro que o Terecô tem fundamento, que a religião é muito importante para seus praticantes, que existe todo um processo para se tocar o tambor, para se trocar de corrente, para se introduzir ritmos que conectam encantados com seus médiuns, visto que a maioria dessas pessoas são grandes seres humanos, respeitosos, caridosos e estão constantemente lutando e resistindo para a religiosidade e a cultura popular tenham cada vez mais vigor e força na sociedade.

O conhecimento abre portas, da mesma forma que aconteceu comigo tenho certeza de que muitas pessoas que lerem essa monografia vão entender o quanto o Terecô é importante para toda população brasileira. Assim, valorizando o trabalho e a

dedicação dos praticantes, e conseqüentemente mudando o pensamento preconceituoso de várias pessoas intolerantes e desrespeitosas.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Martina. **Carregado em saia de encantado: transformação e pessoa no terecô de Codó (Maranhão, Brasil)**. *Etnográfica* [online]. 2016, vol.20, n.2, pp.275-294. ISSN 0873-6561.
- AHLERT, Martina. Cidade relicário: **Uma etnografia sobre Terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)**. 2013. 282 f., il. Tese (Doutorado em Antropologia Social) —Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- ALVES, Francisco. **Terecô: Um ponto de ligação entre Codó e África**. Codó, 2022.
- BORGES, Souza Adão. Usos, significados e conservação da planta Espada de São Jorge, *Sansevieria Zeylanica*, na Comunidade quilombola Benevides, Aurora do Pará-Pa-Brasil. Curitiba. **Revista relegens Thréskeia**- 2020- UFPR.
- CAMARGO, Hertz Wendel. **Umbanda e comunicação: olhares e encruzilhadas**. Curitiba. Syntagma Editores,. 2019. 350 p. ISBN: 978-85-62592-43-0.
- CENTRINY, Cicero. **Terecô de Codó: uma religião a ser descoberta**. São Luís: Zona V Fotografias Ltda, 2015.
- CRUZ, Ezequias. **Da rodoviária ao terreiro: Análise descritiva de experiências de viajantes em busca de trabalhos espirituais em Codó-MA**. 2022.
- DIAS, Júlio Cesar Tavares. **As origens do culto de Cosme e Damião**. Juiz de Fora, 2013, UFJF.
- FAISLON, Leonardo Lázaro. **Candomblé: Axé e Ancestralidade como categoria analítica afrocêntrica**. São Francisco do Conde, 2020.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Encantaria de Barba Soeira: Codó, capital da magia negra?** São Luís: CMF, 2000.
- FERRETTI, Mundicarmo. **Formas sincréticas das religiões afro-americanas: O terecô de Codó-MA**. São Luís, 2003.
- FERRETTI, Sergio. **Querebentã de Zomadônu: etnografia das Casas da Mina do Maranhão**. 3º ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- GUIMARÃES, Samuel Novaes. **Obaluaê, o médico entre os Orixás**. 2017. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.
- JORGE, Érica Ferreira da Cunha. **Umbanda: a problemática questão de suas origens, o arranjo de sua cosmovisão**. São Paulo, 2013.

LEAL, João. **Octavio Eduardo, René Ribeiro e Melville Herskovits. Religiões afro-brasileiras, aculturação e sincretismo.** Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Universidade Nova de Lisboa – Lisboa, Portugal. 2022.

LÜHNING, Angela. O mundo fantástico dos erês. **Revista USP, São Paulo, n. 18, p. 92-99, 1993.** Disponível em: Acesso em: 15 jul. 2021.

MARQUES, Janote. A “observação participante” na pesquisa de campo em educação. **Revista Brasileira de Educação.** Ano 19. n. 28, maio-agosto, p. 263-284, Ceará, 2016.

PEREIRA, Ilka Cristina Diniz. **Pelas mãos de Nilza: mulheres negras e religião em Codó-MA. 2019.** Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás, São Paulo, Companhia das Letras, 2001, 591 pp. **Revista De Antropologia, 44(2), 251-258.**

PRANDI, Reginaldo. **"Os Candomblés de São Paulo."** São Paulo: Hucitec, 1991.

QUEIROZ, Rodrigo. **Mediunidade na umbanda: descubra os fundamentos da prática e desenvolvimento do médium de terreiro.** Porto Alegre, Citadel, 2022.

SANTOS, Thiago LIMA. **Maranhão terra de pajé: a pajelança em São Luís do Maranhão na passagem do século XIX para o XX.** São Luís, 2017.

SARAIVA, Luís. Ofício de abatazeiro: A experiência da rua e do terreiro. **Revista Calandu 2017.**

FONTES ORAIS:

COELHO, Davi. Depoimento [entrevista cedida a] Pedro Barros. Questionário verbal. Entrevista concedida para pesquisa **DA MINA PRA MATA: Tambores, festas e encantaria e em Codó-MA.** Codó, 2024.

GUILHON, Marcos. Depoimento [entrevista cedida a] Pedro Barros. Questionário verbal. Entrevista concedida para pesquisa **DA MINA PRA MATA: Tambores, festas e encantaria e santo em Codó-MA.** Codó, 2024.

SANTOS, Maurício. Depoimento [entrevista cedida a] Pedro Barros. Questionário verbal. Entrevista concedida para pesquisa **DA MINA PRA MATA: Tambores, festas e encantaria e em Codó-MA.** Codó, 2024.

SILVA, Evylle. Depoimento [entrevista cedida a] Pedro Barros. Questionário verbal. Entrevista concedida para pesquisa **DA MINA PRA MATA: Tambores, festas e encantaria em Codó-MA** Codó, 2024.

SOUZA, Maurício. Depoimento [entrevista cedida a] Pedro Barros. Questionário verbal. Entrevista concedida para pesquisa **DA MINA PRA MATA: Tambores, festas e encantaria em Codó-MA** Codó, 2024.

VIANA, Rafael. Depoimento [entrevista cedida a] Pedro Barros. Questionário verbal. Entrevista concedida para pesquisa **DA MINA PRA MATA: Tambores, festas e encantaria e santo em Codó-MA** Codó, 2024.